

Da mão sobre o papel: atos de escrita em cadernos escolares

Maria Teresa Santos Cunha

Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)
mariatsc@gmail.com

Gladys Mary Ghizoni Teive

Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)
gladysteive@gmail.com



Desde a primeira phase exija boa posição, corpo direito, mão esquerda firmando o caderno....que não deve ser dobrado, afim da capa servir de forro. A princípio, os exercícios devem ser feitos a lápis de pedra (por pouco tempo) depois a lápis de pau e finalmente a penna, conforme aproveitamento. (Programma dos Grupos Escolares/SC/1914)¹

a normativa do regulamento datado de 1914, acima transcrito, anuncia que com a institucionalização dos grupos escolares, públicos e laicos, conforme o ideário republicano, o estado de Santa Catarina já legislava sobre os atos e suportes de

¹ Programma dos Grupos Escolares – 1º. Anno – Leitura – Phase Preliminar. Decreto n.796 de 02 de maio de 1914. Joinville: Typ Boehm.

escritas nos cadernos escolares. O texto integral permite perceber, também, as prescrições relacionadas aos cuidados especiais à sua conservação, expressos no capítulo intitulado “Da Hygiene” onde se pode ler que os cadernos devem ser de papel e de capa incorporados, de modo a tornar real a conservação e evitar que as letras escriptas de um lado appareçam de outro². Tais prescrições, ainda que explicitadas em um texto legislativo e, portanto, nos contornos do desejado, apontam o uso dos cadernos escolares como objeto/material escolar em substituição á lousa que exigia, segundo a legislação, o lápis de pedra (por pouco tempo), bem como sinaliza a primazia da escrita com a mão direita já que a mão esquerda firmando o caderno era condição de conservação do próprio suporte e garantia de uma caligrafia adequada.

Embora as citações do regulamento não possam ser entendidas linearmente como práticas que foram efetivamente realizadas, elas desenharam, sim, contornos do esperado e permitem reconhecer um regime de historicidade³ tanto na *ampliação da noção de documento valorizado como suporte da escrita escolar* como por *trazer à luz um objeto quase invisível que guarda uma memória da educação*. (MIGNOT, 2008, p.13). Com efeito, pode-se dizer que o realce dado aos estudos dos cadernos escolares, intensamente presentes nas salas de aula e profundamente incorporados ao cotidiano escolar, se insere em abordagens historiográficas que problematizam grades conceituais com perspectivas totalizadoras e privilegiam como, em cada

² Idem, p. 87.

³ Ver HARTOG, F. Tempo e patrimônio. IN: Vária História, Belo Horizonte, vol.22, n.36, 2006.p. 263.

época, experiências particulares, específicas, singulares iluminam maneiras de ver e estar na escola⁴.

Os cadernos de escrever como ferramentas pedagógicas⁵ utilizadas nas classes escolares e, ao lado de outros materiais, como os manuais, os programas, as provas, os boletins, por exemplo, podem ser considerados objetos partícipes da cultura de um determinado meio – no caso, a escola –. Entendida aqui mais como um procedimento para operacionalização deste objeto escolar e recusando uma pretensa qualidade *natural* da própria, a abordagem do termo cultura escolar, abraça a perspectiva levantada por FARIA FILHO (2007, p.195), para quem esta categoria é *a forma como em uma situação histórica concreta e particular são articuladas e representadas, pelos sujeitos escolares, as dimensões espaço-temporais do fenômeno educativo escolar, os conhecimentos, as sensibilidades e os valores a serem transmitidos, a materialidade e os métodos escolares*. Uma abordagem, enfim, que não aponta perspectivas únicas, mas que pode caminhar por desvios, bifurcações, cruzamentos, fronteiras e possibilidades, conforme o objeto em estudo requeira.

⁴ Ver os estudos realizados por GVIRTZ, S. Del curriculum prescripto al curriculum enseñado. Una mirada a los cuadernos de clase. Buenos Aires. Aique, 1998; MIGNOT, A.C.V. (org). Cadernos à vista. Escola, memória, cultura escrita. RJ: Editora da UERJ, 2008; MIGNOT, A.C.V. Por trás do balcão: os cadernos da coleção cívica da Casa Cruz. In: STEPHANOU, M. e BASTOS, M.H.C. (org). Histórias e Memórias da Educação no Brasil. V. III – Século XX. Petrópolis: Vozes, 2005, p.363-378.; CUNHA, M.T.S. No tom e no tema. escritas ordinárias na perspectiva da cultura escolar. In: In: BENCOSTTA, M.L.A (org). Culturas Escolares. Saberes e práticas educativas. Itinerários históricos. SP: Cortez Editores, 2007.p. 79-99.

⁵ Estudos realizados por SANTOS, V.M dos. Caderno escolar: Um dispositivo feito, peça por peça, para a produção de saberes e subjetividades. 2002. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Educação e Cultura. Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC.

Dessa forma, na tentativa de tirar do esquecimento estes materiais cotidianos e *ordinários* – os cadernos de Admar e Luana –, este estudo parte de seus suportes materiais para dar visibilidade a práticas de escrita que os sustentaram e fizeram da escola, um *locus* das artes de escrever. Consideram-se os cadernos como documentos produzidos pela cultura escolar, pois sua produção é guiada institucionalmente pela escola e, como tal, eles são campos privilegiados para o exercício de múltiplas funcionalidades do escrito, onde se copiavam textos, contas, exercícios e produziam-se escritos variados guiados, quase sempre, por uma preocupação constante com a limpeza, a ordem e a elegância da letra. (HÉBRARD, 2000, p. 55).

Dois cadernos escolares produzidos por alunos de escolas públicas de Florianópolis (SC) em diferentes temporalidades (1933 e 1995) constituem o material empírico que alicerça este estudo. Estes objetos permitem mostrar diferentes formas do registro escrito que a escola desenvolveu pelo exercício da mão sobre o papel bem como destacar diferentes maneiras de uso desse material por parte dos alunos. Se na década de 1930, os apontamentos presentes no caderno de Admar mostram uma mescla de registros compostos por cópias de sentenças, de citações e de *pontos* escolares pautados no ideário republicano; na década de 1990, em contrapartida, o caderno escolar de Luana se constitui como documento autobiográfico portador de histórias de vida narradas e documentadas por imagens fotográficas. Em seu entrecruzamento, objetiva-se interpretar estes materiais como objetos de cultura escolar portadores de relações de continuidades e discontinuidades bem como evidenciar tramas de similitudes e contrastes

(organização gráfica, ordem, caligrafia, assuntos, imagens, conteúdos) que os constituem. Estudá-los permite ampliar o conhecimento da relação da escola e dos alunos com as múltiplas funcionalidades e materialidades dos próprios cadernos.

1. O Caderno de Admar Madeira: do autor, do suporte e das motivações de escrita

Admar Américo Madeira, tem 9 anos de idade em 1933 e cursa o 3º ano primário no Grupo Escolar Lauro Muller, o primeiro inaugurado em Florianópolis, em 1912. Menina dos olhos de Orestes Guimarães – o professor paulista especialmente contratado pelo governo do Estado para modernizar a instrução pública catarinense -, este grupo escolar era o cartão de visitas dos governantes, prova da modernidade catarinense.

No início da década de 1930, quando Admar o freqüentou, já não era mais o único grupo escolar da capital, mas ainda gozava de grande prestígio, considerado “escola de demonstração” do que havia de mais moderno no campo da pedagogia. Seu currículo continuava sendo organizado de acordo com os pressupostos da Reforma Orestes Guimarães, de 1911, consolidando-se *como lócus* privilegiado da materialização da governamentalidade liberal moderna, ou seja, como uma instituição que através de certos dispositivos pedagógicos de

subjetivação, tentava oferecer certo repertório de experiências de si, através das quais as crianças pudessem se tornar “sujeitos de um modo particular” ⁶.

No caderno de “Linguagem” ⁷, de Admar Madeira, iniciado em 06 de março de 1933⁸, são copiadas, com esmero e letra caprichada, fruto de muita aula de caligrafia, pequenas lições de história, geografia, ciências, geometria e educação, cujos temas seguem a risca os conteúdos previstos no programa de ensino de 1928, para o terceiro ano primário dos grupos escolares catarinenses. São lições que deveriam contribuir para a consecução do objetivo precípua dos grupos escolares catarinenses, qual seja: instruir e educar. Instruir no sentido de desenvolver e prover de conhecimento a mente da criança e educar no sentido de desenvolver-lhe o caráter, a disciplina e as qualidades morais, isto é, dirigir os seus sentimentos e regular a sua conduta⁹.

⁶ Sujeito é aqui entendido na perspectiva foucaultiana como um ser dotado de certas modalidades de experiência de si. Para Foucault, a experiência de si é histórica e culturalmente contingente, mas também é algo que deve ser transmitido e aprendido. Através da cultura são transmitidos aos indivíduos um determinado repertório de experiências de si. Com efeito, a educação, além de transmitir uma experiência “objetiva” do mundo exterior, transmite também a experiência que as pessoas tem de si mesmas e dos outros como sujeitos. Assim, as práticas pedagógicas produziram e mediarão certas formas de subjetivação, nas quais se estabelecerá e se modificará a experiência que a pessoas tem de si mesma. LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. p.51

⁷ De acordo com o Capítulo I, Título IX, Parágrafo 4 do Regimento Interno dos Grupos Escolares de 1914 “os cadernos de linguagem servirão para cópia, ditado, reprodução e composição, basta, para tal, mudar a epigrafe de cada trabalho, conforme a sua natureza: cópia, ditado, composição, etc.”.

⁸ Este caderno, assim como outros materiais escolares, tal como livros de leitura, boletins, etc, foram apresentados pelo Sr. Admar Américo Madeira por ocasião da entrevista que concedeu em 06 de março de 2006 para a pesquisa: “Grupo Escolar e produção do sujeito moderno: um estudo sobre o currículo e a cultura escolar dos primeiros grupos escolares catarinenses (1911-1935), por mim coordenada.

⁹ TEIVE, Gladys Mary Ghizoni (2008). *“Uma vez normalista, sempre normalista” – Cultura escolar e produção de um habitus pedagógico (Escola Normal Catarinense: 1911 -19135)*. Florianópolis: Insular, p.155.

Com efeito, as quatro reproduções¹⁰ feitas sob o título “Educação”: Força de vontade, justiça, o trabalho e dignidade pessoal, foram certamente selecionados com o intuito de educar, moldar, guiar, afetar as condutas infantis de modo que se tornassem governáveis, ou como propôs FOUCAULT (1994, p. 31) “para fazer do indivíduo um elemento significativo para o Estado” tal como pode ser constatado nas cópias abaixo¹¹:

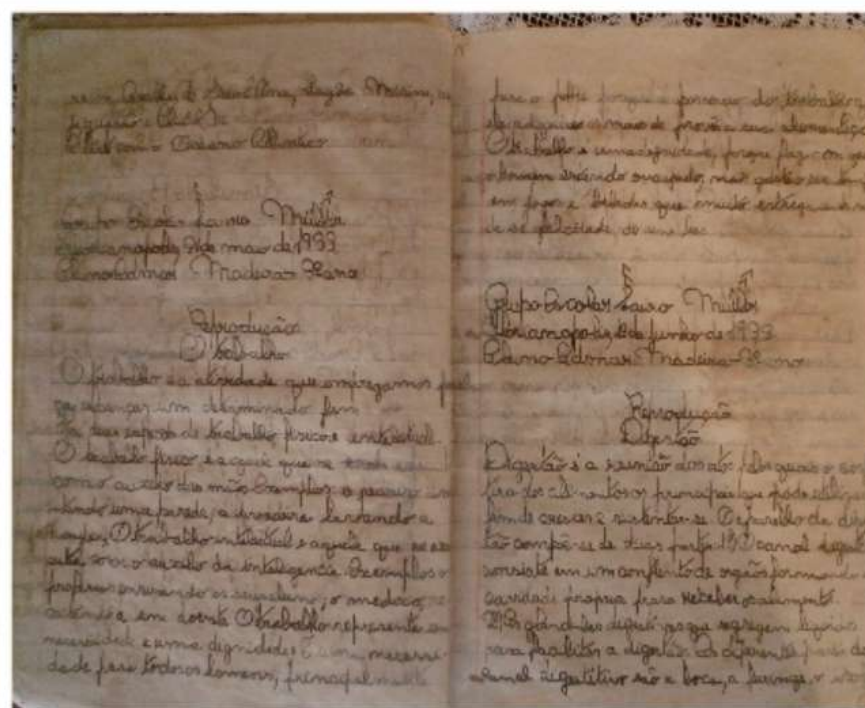
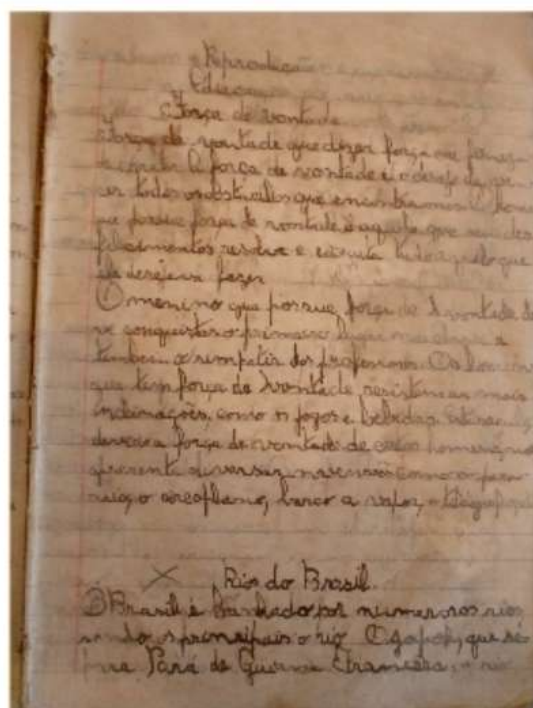
¹⁰ Também denominadas exercícios de cópia, mas manteremos o termo *reprodução* em fidelidade ao texto do caderno de Admar.

¹¹ A Força de Vontade

“Força de vontade quer dizer força ou firmeza de caráter. A força de vontade é o desejo de vencer todos os obstáculos que encontramos. O homem que possui força de vontade é aquele que sem desfalecimentos resolve e executa tudo aquilo que ele desejava fazer. O menino que possui força de vontade deve conquistar o primeiro lugar na classe e também a simpatia dos professores. Os homens que tem força de vontade resistem às más inclinações, como os jogos e bebidas. Este século, devido a força de vontade de certos homens, nos apresenta diversas invenções como o para-raio, o aeroplano, barco a vapor, o telegrafo, etc.”. (Caderno de Admar. Reprodução datada de 14 de março de 1933).

O Trabalho.

“O trabalho é a atividade que empregamos para alcançar um determinado fim. Há duas espécies de trabalho; físico e intelectual. O trabalho físico é aquele que se executa com o auxílio das mãos. Exemplos: o pedreiro levantando uma parede, a lavadeira lavando a roupa. O trabalho intelectual é aquele que se executa como o auxílio da inteligência. Exemplos: o professor ensinando os seus alunos; o médico receitando a um doente. O trabalho representa uma necessidade e uma dignidade. É uma necessidade para todos os homens, principalmente para o pobre, porque é por meio do trabalho que ele adquire os meios de prover a sua alimentação. O trabalho é uma dignidade, porque faz com que o homem estando ocupado, não gaste o seu tempo em jogos e bebidas que muito estragam a saúde e a felicidade de um lar”. (Caderno de Admar. Reprodução datada de 31 de maio de 1933).



Caderno do Sr. Admar. Acervo Pessoal.

Tais lições eram cruciais para o bom governo de si e do Estado, constituindo-se num refinamento da arte de governar trazida pelo liberalismo. Através delas eram ensinadas às crianças um conjunto de regras necessárias para jogarem um determinado jogo. Regras que lhes possibilitariam não apenas aprender o que significava o jogo, mas como jogar legitimamente. E, sobretudo, regras que lhes possibilitariam aprender quem elas eram e quem eram os “outros” no complexo jogo social moderno¹². Admar parece ter aprendido: de família extremamente humilde, não tinha sequer sapatos ou chinelas para ir à escola (mas não era obrigatório), mas com força de vontade e muito trabalho, alcançou o primeiro lugar em todos os anos da escola primária, obtendo

¹² LARROSA, Jorge. Op. Cit. p. 47.

nota máxima nas disciplinas, em comportamento e em aplicação, tendo, por conta disso, seu nome inscrito por quatro anos consecutivos no livro de honra do Grupo Escolar Lauro Muller. Seu excelente desempenho no grupo lhe garantiu uma bolsa de estudos para estudar no Ginásio Catarinense, colégio dos padres, onde também se destacou e posteriormente, uma vaga no curso de odontologia da Universidade Federal de Santa Catarina.¹³

Seu caderno de linguagem aqui analisado, assim como os demais cadernos que teve a partir do 2º ano primário¹⁴, “sem cromos, posto que um caderno de menino, mas sem um borrão, dobrinha ou amasso”¹⁵, também contribuiu para o seu desempenho exemplar e a “simpatia das professoras”, haja vista que uma vez por mês, o diretor confrontava os trabalhos gráficos nos cadernos de caligrafia, desenho, cartografia, cópia, ditado, reprodução e composição das classes de cada uma das secções (masculina e feminina). O julgamento era feito pelos professores das classes opositoras, sob a presidência e fiscalização do diretor, que aos ditos professores, nesta ocasião, “notará tudo que lhe julgar digno de elogio ou de censura e recomendará o que lhe parecer necessário, a bem do ensino.”¹⁶ Esta prática de confrontação de cadernos, a exemplo das demais incorporadas a cultura escolar dos primeiros grupos escolares catarinenses a partir de

¹³ MADEIRA, Admar Américo. Entrevista concedida a Gladys Mary Ghizoni Teive, em 06 de março de 2006.

¹⁴ Nos grupos escolares até 1935, vigência da Reforma Orestes Guimarães, no primeiro ano era utilizada a lousa. Regimento Interno dos Grupos Escolares do Estado de Santa Catarina. Aprovado e mandado observar pelo Decreto n.795, de 2 de maio de 1914. Joinville: Typ. Bohem, 1914. p.

¹⁵ Admar Américo Madeira. Entrevista já citada, p.5.

¹⁶ Regimento Interno dos Grupos Escolares já citado. Artigos 49 e 50, p.17.

1911, deveria contribuir para construir e mediar a relação do sujeito consigo mesmo e com o outro, relação na qual se estabelece, se regula e se modifica a experiência que a pessoa tem de si mesma, a experiência de si.

2. O Caderno de Luana: da autora, do suporte e das motivações de escrita

Luana Maria Silva Adão, nascida em 02 de março de 1981, tem 14 anos de idade em 1995 e cursava a 7ª série do Ensino Fundamental em uma escola pública da cidade de Florianópolis (SC), o Colégio Estadual Simão José Hess, localizado no bairro Trindade, próximo ao campus da Universidade Federal de Santa Catarina. Nessa condição ela escreveu em um caderno, como parte de um trabalho escolar o que chamou de “*História da minha família*”¹⁷.

¹⁷ Este material chegou às minhas mãos por oferecimento da própria Luana que foi minha aluna na disciplina História da Educação, no curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC, em 2005.



Página Inicial do caderno de Luana. Acervo Pessoal

O caderno depositário dessa atividade é espiralado, tem capa dura, fundo cor-de-rosa, todo contornado por uma guirlanda formada de pequenos botões de flores amarelas, azuis e cor de rosa, em tons claros. Traz na parte central da capa a palavra CHARME, destacada dentro de um retângulo. Nesta capa, a representação das flores em botão, confunde-se com imagens de germinação, de espera, de nascimento, e parece fazer referência à tipificação romântica, um culto à natureza que se apresenta festiva, edulcorada, harmoniosa além de reforçar a associação naturalizada entre menina e flor em botão. Ao que tudo indica, o caderno foi comprado apenas para este fim. Suas folhas têm linhas tracejadas e ornamentadas com a mesma guirlanda de flores

da capa, nas barras. As páginas encontram-se numeradas, manualmente, até a de número 45 e as demais páginas, cerca de 60, se encontram em branco. O suporte, em si, encerra um protocolo de uso, uma destinação específica: é um caderno de/para meninas!

Editado pela TILIBRA,¹⁸ empresa fundada em Bauru (SP) em 1928 e que nos seus 80 anos de existência se consolidou como uma das marcas mais lembradas pelos estudantes brasileiros. Ela é a marca líder do setor de cadernos escolares no Brasil e deve seu nome às iniciais de **T**ipografia e **L**ivrarias do **B**rasil que atualmente está presente com seu produto em 18 países do mundo.



Capa do Caderno de Luana. Acervo Pessoal.

¹⁸ Informações retiradas do sítio www.tilibra.com.br/acesso em 29/07/2008 e de MIGNOT, A.C.V. E VEIGA, R.L., 2007.

A atividade de historiar as várias gerações de sua família que é o objetivo da utilização do caderno por Luana fez parte de um trabalho escolar realizado, ao que tudo indica, a pedido de uma professora haja vista a avaliação substantivada pela nota 8,0 (oito) presente no canto esquerdo da segunda página e no recado final à página 45, onde se encontra uma fotografia da autora secundada pela informação: *Meu nome é Luana Maria Silva Adão, tenho 14 anos e estou cursando a 7ª série no Colégio Estadual Simão José Ais. Este livro foi feito com a ajuda de minha mãe, de meus avós e de minhas tias. Gostaria de agradecer a todos por terem colaborado.* Nesta mesma página final é possível ler um recado/avaliação da professora: *Luana, te adoro! Desejo que tua estória seja linda! Continua a escrevê-la. Beijinhos da Tude. 07/08/1995.*

A observação final da professora e algumas breves correções ortográficas feitas ao longo das páginas do caderno podem assumir *um significado positivo ou negativo junto ao aluno que diariamente o manuseia* (FERNANDES, 2008, p.50) e talvez por este motivo o recado/avaliação final feitos pela professora tenham um tom quase laudatório e edificante e as correções efetuadas ao longo do texto (divertião/divertiam; fazião/faziam; a 15 anos/há 15 anos) são indelévels, pouco perceptíveis, certamente para não macular a página escrita, como se fossem táticas engenhosas que os dois estratos desenvolveram para desempenhar suas tarefas e cumprir os papéis esperados de aluna e professora.

A atividade exposta parece contribuir para a emergência de uma etapa de socialização comandada pela instituição escolar que se caracterizava, entre tantas outras práticas, pela

valorização do núcleo familiar bem como por uma possibilidade de educação das sensibilidades para o fortalecimento de uma memória familiar, dadas a ver, muito especialmente, pela forma atenciosa e carinhosa que tais descrições eram feitas. Nas 45 páginas ocupadas aparecem descritos a Família Silva, pelo lado materno e a Família Adão pelo lado paterno em listagem cronológica dos bisavós, avós, pais, tios, primos com destaque para os nomes completos e muitas fotografias dos componentes da família que ilustram a narrativa. Estas fotografias mostram momentos comuns vividos pela família, como uma festa de batizado onde aparecem 22 pessoas, sob a legenda: *Filhos, netos e cunhados juntos num batizado* (Caderno de Luana, p.19).

O Caderno de Luana mostra atividades que têm continuidade, até hoje, nas rotinas da educação escolarizada. Escrito com caneta esferográfica azul, com alguns destaques (títulos e subtítulos) em caneta colorida, materializado em folhas pautadas e marginadas, ilustrado com singelas fotografias dos membros familiares. São fotografias de variados tamanhos, a maioria coloridas, retratadas em situações cotidianas que se alternam ao longo das páginas. Com efeito, o caderno deixa entrever uma apreensão de mundo para além dos limites impostos pelo poder instituído, dito *oficial*, de uso meramente escolar.

Afinal, o que relampeja hoje, ao folhear este caderno escolar? Para além de uma escrita (auto)biográfica, feita em uma organização gráfica que obedece a linhas e margens e solicitada como uma tarefa escolar há um espaço para a memória familiar; para a coleta de recordações gloriosas de tempos idos, emoções partilhadas e enternecimentos expostos em frases curtas que

interrogam outras experiências temporais e instituem lugares de memória que guardam traços e vestígios de maneiras de ser no tempo. Como por exemplo, ao descrever as formas de trabalho de seus bisavós paternos: *Viviam da pesca e da lavoura e também faziam farinha e torravam café* (p.5); seus lazes: *Para se divertirem nos fins de semana faziam bailes em casa. Os instrumentos mais usados eram a sanfona e o bandolim. O branco não entrava em baile do negro e vice-versa, devido ao preconceito racial.* (p.6). O texto finaliza com detalhes sobre a vida escolar de seus irmãos: *O Israel Horácio que entrou na Creche São Francisco e mais tarde foi para o Colégio Simão Hess, onde estudou até a 3ª série do 1º grau depois desistiu e foi trabalhar em obras. Hoje faz supletivo e tem 15 anos* (p.40); *O Edson também estudou no mesmo colégio que eu onde ficou até a 1ª série e depois foi estudar na Escola Desdobrada José Jacinto Cardoso, onde está este ano na 3ª série sendo que tem 10 anos.* (p.40) e a descrição do trabalho de seus pais: *Meu pai estudou até a 2ª série e hoje é um mestre de obras muito bom e minha mãe é normalista (magistério) e leciona há 15 anos* (p.40) .



Memória familiar. Acervo Pessoal

Através desses fragmentos do cotidiano escolar, pinçados do caderno de Luana é possível pensar nos termos em que escreve e como se estruturam as representações simbólicas ao qual o discurso pertence: sentimentos que moveram o ato de escrita da jovem aluna neste caderno e sentimentos que impulsionaram a professora a correções tão tênues, em que pese o aspecto de vigilância sob a produção da aluna. Mostrando em suas páginas, ao mesmo tempo, o trabalho de escrita da aluna e da professora o caderno de Luana oferece a possibilidade de pensá-lo enredado pelos mesmos objetivos: uma prática de escrita que se inscreve na cultura escolar e atesta o

trabalho de ambas, entre o saber escolarizado e o saber familiar, entre a memória construída pela aluna e história agora escrita por nós.

Um ponto de intersecção? Os cadernos de Admar e Luana

O caderno de Admar, através de atividades de cópia exaustivamente efetuadas em sala de aula na década de 1930, *com esmero e letra caprichada, fruto de muita aula de caligrafia*, sinaliza para um investimento na produção de sujeitos disciplinados, obedientes às convenções escolares da época. Trata-se de um caderno para copiar, organizado nos ditames prescritos pela escola da época e inserido na ordem que precisa ser seguida na passagem do quadro-negro para o caderno.

O caderno de Luana, por sua vez, ao registrar livremente traços biográficos de seus familiares e encerrar com uma espécie de autobiografia amplia a possibilidade de uso escolar desse suporte e aponta para maior liberdade de utilização de suas linhas e páginas. Nele há rasuras, fotografias, relatos confessionais, descrição de redes e laços afetivos, a escrita não está visivelmente encapsulada nos ditames da prescrição, Luana personaliza o suporte, ela não é refém de normas rígidas.

Como ponto de intersecção entre os dois cadernos, foi possível perceber certa perenidade na relação da escola e dos alunos/as e professores/as com os cadernos escolares. Como objetos presentes em diferentes temporalidades os cadernos escolares registram práticas e normas

relacionados ao fazer pedagógico. São também, um utensílio onde se pode acompanhar as múltiplas funcionalidades e materialidades do escrito. Para além da ação da mão sobre o papel, a ação do olho sobre este conjunto de folhas reunidas registra a permanência da escrita como um esforço para escapar à trituração do tempo. Admar e Luana, ainda que distantes entre si na concepção de uso dos cadernos escolares e no período (62 anos os separam!) guardaram nos cadernos um tempo da escola, um tempo do ontem que reverbera em um tempo do agora. Em trabalhos como esses, não há sentimento algum de conclusão, mas sim uma promessa de novos começos!

Referências bibliográficas

- CUNHA, M.T.S. No tom e no tema: escritas ordinárias na perspectiva da cultura escolar. In: BENCOSTTA, M. L. A (org). *Culturas escolares, saberes e práticas educativas. Itinerários históricos*. SP: Cortez Editores, 2007.p. 79-99.
- FARIA FILHO, L. M. de. Escolarização e cultura escolar no Brasil: reflexões em torno de alguns pressupostos e desafios. In; BENCOSTTA, M. L. (org). *Culturas escolares, saberes e práticas educativas. Itinerários Históricos*. SP: Cortez Editora. 2007. p.193-211.
- FERNANDES, R. Um marco no território da criança: o caderno escolar. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. (org). *Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita*. RJ: EdUERJ, 2008, p.49-67
- GVIRTZ, S. *Del curriculum prescripto al curriculum enseñado. Una mirada a los cuadernos de clase*. Buenos Aires. Aique, 1998.
- HARTOG, F. Tempo e patrimônio. IN: *Vária História*, Belo Horizonte, vol.22, n.36, 2006.p. 263.
- HÉBRARD, J. Por uma bibliografia material das escritas ordinárias: a escritura pessoal e seus suportes. In: MIGNOT, A.C. V; BASTOS, M.H. C e CUNHA, M.T.S. *Refúgios do eu. educação, história, escrita autobiográfica*. Florianópolis: Editora Mulheres. 2001, p. 29-62.
- LARROSA, J. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, T. T. da (org.). *O sujeito da educação: estudos foucaltianos*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. pp.35-86.
- MADEIRA, A. A. Entrevista concedida a Gladys Mary Ghizoni Teive, em 06 de março de 2006.
- MARSHALL, J. Governamentalidade e educação liberal. In: T. T. da (org.). *O sujeito da educação: estudos foucaltianos*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. pp.21-34.
- MIGNOT, A.C.V. (org). *Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita*. RJ: Editora da UERJ, 2008.
- _____ e VEIGA, R. L. da. Um Rio para estudante ver: engenhosidades na produção de cadernos escolares. *História da Educação*, ASPHE/UFPel, Pelotas, v.2, n.24, p.225-248, Jan./Abr. 2008.

_____. Por trás do balcão: os cadernos da coleção cívica da Casa Cruz. In: STEPHANOU, M. e BASTOS, M.H.C. (org). *Histórias e Memórias da Educação no Brasil. V. III – Século XX*. Petrópolis: Vozes, 2005, p.363-378.

SANTA CATARINA. Programma dos Grupos Escolares – 1º. Anno – Leitura – Phase Preliminar. Decreto n.796 de 02 de maio de 1914. Joinville: Typ Boehm.

SANTA CATARINA. Regimento Interno dos Grupos Escolares do Estado de Santa Catarina. Aprovado e mandado observar pelo Decreto n.795, de 2 de maio de 1914. Joinville: Typ. Bohem, 1914.

SANTOS, V. M. dos. *Caderno escolar. Um dispositivo feito, peça por peça, para a produção de saberes e subjetividades*. 2002. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Educação e Cultura. Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC.

TEIVE, G. M. G. *“Uma vez normalista, sempre normalista” – cultura escolar e produção de um habitus pedagógico* (Escola Normal Catarinense: 1911 -19135). Florianópolis: Insular. 2008.
www.tilibra.com.br / acesso em 29/07/2008.